

O mito de Byron no dezembrismo russo: algumas considerações sobre a obra de Wilhelm Küchelbecker

Byron's Myth In Russian Decembrist Revolt: Reflexions on Wilhelm Küchelbecker's Poetics

Autora: Alice Vieira Botelho
Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto,
Minas Gerais, Brasil
Edição: RUS, Vol. 15, Nº 26
Publicação: Maio de 2024
Recebido em: 21/02/2024
Aceito em: 26/03/2024

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2024.222350>

BOTELHO, Alice Vieira
*O mito de Byron no dezembrismo russo:
algumas considerações sobre a obra de Wilhelm Küchelbecker*
RUS, São Paulo, v. 15, n. 26, pp. 252-268, 2024.



O mito de Byron no dezembrismo russo: algumas considerações sobre a obra de Wilhelm Küchelbecker

*Alice Vieira Botelho**

Resumo: O artigo investiga a apropriação do mito do poeta britânico Lord Byron pela poética dos revolucionários Dezembristas russos. Num primeiro momento, apresentam-se informações contextuais sobre o fenômeno cultural do byronismo e sua relação com a missão do poeta-profeta enquanto herói cívico na Rússia. Sublinhamos as possibilidades e limitações de se construir uma subjetividade lírica marcada pelo individualismo romântico na Rússia das primeiras décadas do século XIX. Num segundo momento, faz-se um close-reading do poema “A morte de Byron”, de Wilhelm Küchelbecker, destacando o modo como Küchelbecker se apropria do mito de Byron para afirmar a soberania existencial e a emancipação política do poeta-profeta.

Abstract: This paper analyzes the relationship between Russian Decembrist revolutionary poets and Byron’s myth. Our point of departure is the historical context of the emergence of Byronism in Russia’s 19th century and the connection between Byron’s myth and the poet-prophet in Decembrist’s civic discourse. We expose the possibilities and obstacles that challenge the construction of a lyrical subjectivity rooted in Romantic individualism in Russia’s first decades of the 19th century. Finally, we build a close-reading of Küchelbecker’s poem “Byron’s death”, in order to identify how the poet resignifies Byron’s myth aiming to defend the poet-prophet’s sovereignty and political emancipation.

Palavras-chave: Dezembrismo; Byron; Küchelbecker
Keywords: Decembrism; Byron; Küchelbecker

1. O byronismo dos Dezembristas

O

s fragmentos abaixo são ambos de autoria do poeta e revolucionário Dezembrista Wilhelm Küchelbecker (1797-1846). O primeiro excerto é formado por versos que compõem o poema “A morte de Byron”, homenagem fúnebre ao gênio do poeta britânico Lord Byron, morto em 1824. O segundo é o trecho de um artigo escrito por Küchelbecker para o almanaque literário *Mnemozina*, intitulado “Sobre a direção da nossa poesia”:

O bardo, o pintor de almas ousadas,
A trovejante, jubilosa, perene
Eterna aposta – o grande homem,
Lá sobre a Hélade é renovado!¹

Enquanto isso nossos catálogos vivos cujos pontos de vista, análises e reflexões incessantemente se encontram no “Filho da Pátria” (*Syn Otiéchestva*), no “Competidor das Luzes e da Caridade” (*Sorievnovátel’ prosvieschénia i blagotvoriénia*), no “Leal” (*Blagonamiérienyi*) e no “Mensajeiro da Europa” (*Viéstnik Evrópy*) geralmente colocam em um mesmo quadro a literatura grega e a latina, a inglesa e a alemã; o grande Goethe e o imaturo Schiller; o gigante dos gigantes Homero e o aprendiz Virgílio; o suntuoso Píndaro e o prosaico verzejador Horácio; Racine, o honrado sucessor dos trágicos antigos, e Voltaire, que era alheio à verdadeira poesia; o enorme Shakespeare e o monótono Byron.²

* Professora substituta no Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Graduada em Letras – Estudos Literários (2015), mestra em Literatura Brasileira (2018) e doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (2023), pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Sua tese de doutorado, intitulada “Eu não sou Byron, eu sou outro’: o poeta e a poetisa na poesia brasileira e russa do século XIX, foi aprovada com louvor pela banca examinadora e avaliada como contribuição inédita e expressiva tanto para o campo da literatura comparada quanto para o campo dos estudos russos.
<http://lattes.cnpq.br/5331979680879416>; <https://orcid.org/0000-0002-4555-9487>;
alice.vieirabotelho@ufop.edu.br

1 KÜCHELBECKER, Wilhelm. Todas as traduções são de minha autoria. «A morte de Byron» (*Smiert Báirona*). In: *Lirika i poemy. Tom piérviy*. Apresentação e notas de Iúri Tyniánov. Leningrad: Soviétskii Pisátel’, 1939, p. 87-92. No original: *Бард, живописец смелых душ, /Гремящий, радостный, нетленный, /Вовек пари – великий муж, /Там над Элладой обновленной!*

2 Texto disponível em http://az.lib.ru/k/kjuhelxbeker_w_k/text_0180.shtml. Acesso em 21 de fevereiro de 2024. No original: *Между тем наши живые каталоги, коих взгляды,*

É bastante curioso que o mesmo Byron que na ode fúnebre é descrito em imagens elevadas como “pintor de almas ousadas”, “Eterna aposta” e “grande homem”, seja, no segundo fragmento de Küchelbecker, descrito como “monótono” e indigno de figurar ao lado de Shakespeare. Como é possível que, num mesmo ano, Küchelbecker se refira a Byron de maneiras tão antagônicas?

Lídia Guínzburg³ nos dá um princípio de resposta a essa questão, convidando-nos a entender a contradição de Küchelbecker como uma expressão das disputas com relação ao byronismo na Rússia do início do século XIX. Segundo a autora, entender essas disputas depende de uma separação entre a figura de “Byron” e o “byronismo”. Interpreto a formulação a partir da necessidade de se separar Byron enquanto uma personagem do tempo, uma figura cultural e um mito cultuado pelos poetas, por um lado, e a poética byroniana propriamente dita, por outro, ou seja, os traços estilísticos e/ou retóricos que pudessem emanar da obra de Byron. Essa diferença entre o mito de Byron e a poética byroniana viabilizaria com que, na Rússia da primeira metade dos anos 20 do século XIX, o poeta britânico fosse idolatrado por poetas membros de grupos literários radicalmente distintos, e por motivos totalmente antagônicos.

De um lado, tínhamos figuras como Kozlov (1779-1840) e Jukóvski (1783- 1852), que receberam a poesia de Byron filtrada pela influência da escola literária Sentimentalista de Nikolai Karamzin (1766-1826). Interessava a esse grupo, sobretudo, o *tópos* da melancolia e alguns arroubos sentimentais de Childe Harold, ou as meditações taciturnas do herói peregrino sobre as tumbas e ruínas das civilizações. Essa nota de melancolia e pessimismo – diga-se de passagem muito mais acentuada em epígonos e êmulos de Byron do que no próprio poeta britânico – foi bastante fecunda para o tipo de direção que esses autores pretendiam dar à poesia russa: o abandono da ode – gênero tradicional herdado do Classicismo russo e marcado por uma série de prescrições de composição – e sua substituição pela elegia, tida como mais adequada à construção de uma persona lírica romântica.

разборы, рассуждения беспрестанно встречаешь в "Сыне отечества", "Соревнователе просвещения и благотворения", "Благонамеренном" и "Вестнике Европы", обыкновенно ставят на одну доску словесности греческую и – латинскую, английскую и – немецкую; великого Гете и – незрелого Шиллера; исполина между исполинами Гомера и – ученика его Вергилия; роскошного, громкого Пиндара и – прозаического стихотворителя Горация; достойного наследника древних трагиков Расина и – Вольтера, который чужд был истинной поэзии; огромного Шекспира и – однообразного Байрона!

3 GUINZBURG, Lídia. "O problémié naródnosti i líchnosti v poézzi Dekabristov". In: *O rússkom realizmie XIX viéka i voprósakh naródnosti literatúry*. Gos. izd-vo khudoj. lit.-ry [Leningrádskoe otd-nie], 1960.

Num espectro totalmente oposto – e isso tanto num campo político quanto formal – estava a apropriação de Byron por alguns poetas vinculados ao movimento revolucionário Dezembrista russo, dentre os quais poderíamos destacar Kondráty Ryléev (1795-1826) e o próprio Küchelbecker. Para a poética Dezembrista, importava menos a influência das obras poéticas de Byron do que a sua figura cultural, em particular aquilo que mais despertava o culto de seu mito entre esses poetas: Byron visto como um herói revolucionário, cuja morte trágica em Mesolóngi na luta pela independência da Grécia o convertia num mártir disposto a sacrificar a própria vida no combate à tirania e à opressão.

Para os poetas Dezembristas russos, o mito de Byron coincidia com a imagem do poeta britânico como uma espécie de “profeta da liberdade”. Não por acaso tanto Ryléev quanto Küchelbecker escreveram poemas de homenagem fúnebre a Byron no contexto do episódio da sua morte na Grécia, e em ambos os poemas é possível verificar uma glorificação das virtudes heroicas de Byron, de sua coragem e postura de insubmissão política diante da autoridade. Esse último aspecto era crucial para o programa poético do Dezembrismo, em que a poesia estava diretamente atrelada à luta contra a autocracia e pela liberdade.

Os irmãos Bestújev, I. A. Iakúchkin, N. M. Muraviov, Küchelbecker, Ryléev, Griboiédov e todos os notáveis ideólogos e líderes dos Dezembristas eram leitores devotos do poeta britânico. Há críticos que chegam a afirmar que “nunca o amor por Byron na Rússia foi tão grande como no período de decepção universal com a política de Alexandre I e de ascensão das sociedades secretas na Rússia”.⁴ A participação direta de Byron no processo revolucionário da Grécia e o fato de ele se posicionar abertamente pela libertação nacional e emancipação política de vários países seriam gestos que significavam mais para os Dezembristas do que para qualquer outro escritor europeu.⁵

Sobre os diferentes poemas escritos em memória de Byron por Küchelbecker, Ryléev e Bestújev, Diakonova e Vacuro (1981) observam que esses textos tinham algo em comum: a ausência de limites/fronteiras entre literatura e política, ética e estética, individual e público, personalidade e trabalho. Eles reconhecem, por exemplo, a influência decisiva dos heróis byronianos dos *Oriental Tales* para inspirar a criação do retrato sombrio e melancólico do herói Voinaróvski, que protagoniza a obra homônima de Ryléev, mas enfatizam que “Ryléev não é

4 DIAKONOVA & VACURO, 1981.

5 Ibid., 1981: p.145-146.

um mero imitador”. Isso porque os elementos cívicos e políticos estariam muito mais presentes na poesia de Ryléev do que na de Byron. Essa observação nos leva a refletir um pouco sobre as próprias condições de formação de uma subjetividade romântica ou de uma ideia de *self* autônomo no contexto político-social das primeiras décadas do século XIX na Rússia.

A título de exemplo, se compararmos os famosos “O profeta”(1826), de Púchkin, e “O profeta” (1841), de Liérmontov, com um poema de Küchelbecker intitulado “A profecia” (1822), facilmente perceberemos que, embora também aborde o mito do poeta-profeta, o texto do poeta Dezembrista parece frio, impessoal, pouco atravessado por uma subjetividade lírica. Nos poemas de Púchkin e Liérmontov, bastam dois ou três versos para que se insinue um pronome marcador da primeira pessoa do discurso, que chama a atenção do leitor para o eu do poeta, centro irradiador do poema. Além disso, há uma diferença abissal de registro linguístico entre esses dois poemas e o do poeta Dezembrista: mesmo um leitor russo nativo provavelmente se incomodaria com a aspereza do arcaísmo linguístico, os eslavismos e a retórica bíblica de Küchelbecker.

A aparente carência de subjetividade lírica dos poemas de Küchelbecker se comparados aos de Púchkin e de Liérmontov talvez possa ser explicada por alguns versos de Ryléev (1795-1826). Tratam-se de versos retirados do final da dedicatória que Ryléev redige a Bestújev (1797-1837) no início de seu poema Voinaróvski (1823-1824). Sobre seus próprios versos, diz Ryléev a Bestújev:

Como um filho severo de Apolo.
Você não verá arte neles:
Mas você encontrará sentimentos vivos,
- Eu não sou um Poeta, mas um Cidadão.⁶

Para além do *tópos* da modéstia afetada, há um quê de verdade profunda nessa formulação: é possível que, para Ryléev, preferir autointitular-se “Cidadão” em detrimento de “Poeta” fosse verdade, uma vez que a poética Dezembrista foi marcada por uma apropriação da poesia para fins políticos de mudança social. Nesse contexto, a individualidade só era possível em termos e condições muito específicas. O “eu” do indivíduo que antes se fundia com o corpo político do Império Russo – subserviente ao tsar – agora, ao insurgir-se contra a autocracia e seus sistemas de controle e violência, não o fazia

⁶ Disponível em: <http://cfl.ruslang.ru/poetry/ryleev/texts/vol1/47.htm>. Acesso em 21 de fevereiro de 2024. No original: Как Аполлонов строгий сын,/Тыне увидишь в них искусства:/Зато найдешь живые чувства,/— Я не Поэт, а Гражданин.

propondo um *self* rebelde autônomo, independente, nos termos em que é possível conceber o individualismo que sustenta o mito byroniano do poeta.

Lídia Guíinzburg (1960) nos recorda de que no processo de individuação que se forma entre os revolucionários Dezembristas questões individuais são atravessadas por questões supraindividuais que dizem respeito à identidade nacional. Duas coisas são fundamentais: o fim da autocracia e a defesada soberania nacional. Para tanto, o lugar assumido pelo poeta nesse contexto era bastante específico: na poética Dezembrista, o poeta torna-se portador de uma missão cívica e o seu destino – enquanto profeta e vidente – estava fundido ao destino espiritual da Rússia: a pátria por tantos anos vilipendiada, que ansiava pela chegada do herói disposto a salvá-la e a sacrificar-se em nome da sua reparação moral. Na prática, isso significava que, na poesia, empecilhos que atravessassem a vida pessoal do poeta – do exílio às complicações amorosas – poderiam ser relacionados ao destino e aos problemas enfrentados pela nação.

O contexto literário Dezembrista, portanto, se apropria do mito de Byron como poeta-profeta, muito embora as condições para a construção de um *self* autônomo, tal como demanda a consciência livre e autossuficiente dos heróis byronianos, não estivessem dadas ou só estivessem precariamente colocadas, no horizonte de um desejo de transformação política e social. A poética que surge desse contexto só poderia ser marcada por contradições. A mais notória dessas contradições – que tantas discussões e polêmicas suscitou na crítica russa – é o enorme contraste entre o caráter disruptivo do conteúdo da poesia e a obsolescência de sua forma.

Dito de outro modo: por um lado, a poética Dezembrista era um fenômeno inédito na história da literatura russa. Num país cuja história literária era marcada pela tradição das odes panegíricas ao soberano, pela primeira vez os poetas buscavam apartar-se da política oficial do Império, entrando em combate e disputa com a autocracia. Opunham-se diretamente, pela primeira vez, o soberano e o poeta, o poder político e a autonomia estética. Por outro lado, essa radical transformação no conteúdo da poesia não foi acompanhada por uma mudança substancial no modo de conceber a criação poética. A maior parte dos elementos estilísticos da poesia Dezembrista eram tributários do Classicismo russo do século XVIII e da tradição das odes. Ainda segundo Lídia Guíinzburg, foi exatamente a dicção sublime das odes da literatura russa do século XVIII que forneceu os meios de expressão para a retórica patriótica do Dezembrismo. Como exatamente ocorreu esse deslocamento?

Desde o século XVII, a literatura russa conta com a tradição de traduzir salmos ou de escrita de poemas inspirados por discursos salmódicos. No século XVIII, torna-se nítida a relação entre as chamadas odes sagradas – a expressão a princípio designa as versões de salmos, depois passará a contemplar qualquer tipo de verso religioso – e as chamadas odes panegíricas – gênero tradicional de exaltação e louvação da figura do monarca, cultivado por vários poetas russos, dentre os quais Lomonóssov e Trediakóvski. A proximidade entre a ode sagrada e a ode secular de glorificação do tsar é defendida por Trediakóvski em seu *Discurso sobre a ode em geral*, em que o poeta parte da afinidade entre os dois tipos de texto no que se refere aos aspectos estilísticos: linguagem elevada e imagens sublimes. Mas o panegírico ao monarca se parecia com a ode sacra também numa outra instância: tanto num como noutro caso, o poeta é testemunha de uma ordem superior que o apequena. No caso da ode panegírica, ele é apequenado pelo soberano, no caso da ode sacra, pelo Deus-Todo-Poderoso das Escrituras. Em comum, a ode sacra e a ode celebratória do imperador tinham o reconhecimento, da parte do poeta, de uma onipotência externa a quem ele devia submissão, fosse ela Deus ou o tsar. Há pouco espaço para a soberania e a vontade do poeta nesses dois gêneros de texto: a própria inspiração poética é representada como se emanasse dessa grandeza onipotente que é exterior e que atua verticalmente sobre o poeta como um poder autoritário.

Não obstante essa afinidade, alguns elementos próprios do discurso salmódico garantiam ao poeta, na ode sacra, uma maior liberdade, o que levaria, de acordo com o crítico Harsha Ram,⁷ à formação de um *self* lírico de maior “mobilidade ontológica”. Essa maior mobilidade do ser gradativamente daria espaço à adoção de um princípio de individuação e de visões políticas contrárias à oficial, que se opunham à autocracia e à onipotência do soberano. Isso ocorreria, segundo Ram, por várias razões. É preciso considerar, por um lado, que Davi, o autor dos salmos bíblicos, ocupava uma posição hierárquica muito superior à dos poetas russos do século XVIII: ele era tanto um *profeta* quanto um *rei*. Por outro, nos salmos, Davi se dirige a Deus não apenas para louvá-lo, mas também para pedir auxílio e intervenção divina nas suas causas. O diálogo do Rei Davi com Deus era, portanto, bem mais horizontal do que o diálogo do poeta russo com o seu monarca.

7 RAM, Harsha. *The Imperial Sublime. A Russian Poetics of Empire*. University of Wisconsin Press: 2006.

Ram observa que sete dos nove salmos traduzidos por Lomonóssov representam um mundo marcado pelo conflito que só poderá ser consertado mediante a intervenção de um Deus com os atributos do Velho Testamento: tão justo quanto belicoso e vingativo. É justamente desses primórdios de dissensão e oposição que o discurso bíblico oferecia que, mais tarde, Küchelbecker e os Dezembristas se nutririam para radicalizar as tensões entre a figurado poeta e a figurado soberano. Como nos lembra E. Egeberg (2001), uma das vantagens que as alusões à narrativa bíblica fornecia aos poetas russos era o fato de que parecia impróprio a um Estado cristão censurar a própria palavra de Deus. Um exemplo curioso disso podemos encontrar no caso de Derjávín, que, ao ser interpelado pela censura sobre o suposto caráter subversivo de “Aos senhores e juízes”,⁸ oferece a famosa resposta de que “o Rei Davi não era jacobino”.⁹

O que acontece na poética Dezembrista é uma reapropriação de elementos da ode sacra para fins políticos: as alusões às narrativas bíblicas, sobretudo aos profetas hebreus, serviram de inspiração para modelar o ideal do poeta-profeta e para introduzir a instância profética no discurso da poesia. Dessa vez, não é mais o Rei Davi que se dirige a Deus pedindo auxílio, é o próprio Deus que se dirige ao profeta – agora já totalmente confundido com a figura do poeta –, incumbindo-o de uma missão de sublevação e agitação, para que ele se torne a figura que dirigirá e guiará os povos em direção à redenção da pátria.

Essa redenção consiste no fim da autocracia e da autoridade tirânica do monarca. Poeticamente, esse destronamento do soberano se dará com a coroação de uma autoridade substituta, essa sim legítima porque escolhida pelo próprio Deus: o poeta-profeta. A legitimidade do vates enquanto autoridade que se dissocia do monarca fica nítida quando Küchelbecker escreve, em 1824, a ode “A morte de Byron”. O poema é uma espécie de clímax da “mobilidade ontológica” mencionada por Ram. Nesse sentido, a ode também representa um momento de transição entre o paradigma do “Cidadão” (para recordar a fala de Ryléev) e o paradigma do “Poeta”, isto é, uma mutação da missão político-cívica do *revolucionário* Dezembrista Küchelbecker para a missão poético-estética do *bardo* Küchelbecker, herdeiro de Byron e sua poética órfico-encantatória.

8 [Vlastíteliám i sydiám (“Властиителям и судиям, 1780).

9 Cf. <http://derzhavin.lit-info.ru/derzhavin/stihi/stih-13.htm>. Acesso em 21 de fevereiro de 2024.

2. Küchebecker e “a morte de Byron”

Em “A morte de Byron” (1824), Küchelbecker contrapõe duas figuras: o soberano e o poeta, para o triunfo do segundo. Como Byron em *A profecia de Dante* (1821) elege Dante para representar o seu modelo ideal de poeta-profeta, Küchelbecker escolhe Byron para desempenhar esse papel, transformando o poeta britânico em um “profeta da liberdade”. Esse profeta é representado como a personagem responsável por destronar o monarca tirano e decretar a legitimidade e a soberania do poeta.

Embora o poema se intitule “A morte de Byron” porque foi escrito como homenagem fúnebre ao gênio do poeta britânico, morto em 1824 na Grécia, ao final da leitura ficamos com a impressão de que o texto não decreta tanto a morte de Byron – apresentado como um espectro sublime que fulgura na Eternidade –, mas a de Alexandre I. Em outras palavras, na disputa entre o soberano e o poeta, o poeta leva claramente a melhor.

Já na primeira estrofe identificamos a dicção elevada que atravessa todo o poema, característica das imagens sublimes e da grandeza monumental das odes do século XVIII:

Pelo horizonte rolava o orbe
Dourado, o astro diurno,
E o firmamento e o mar se inflamavam;
Sobre o arvoredado derramava-se o fogo;
Espelho aceso das crispações,
Um enorme diamante, estremecia.¹⁰

Se nos recordarmos de que, nas odes russas do século XVIII, a sublimidade das imagens servia para os fins de exaltação da grandeza ou do monarca (no caso da ode solene) ou de Deus (no caso da ode sacra), constataremos algo muito interessante. Küchelbecker descreve, desde a primeira estrofe, a paisagem que compõe um dos cenários do seu longo poema com tintas muito elevadas: o sol é um “astro diurno” e o “mar” é definido como “um enorme diamante” que funciona como “um espelho aceso das crispações”. Mas essa linguagem excelsa não está sendo empregada numa ode nem ao imperador nem a Deus, mas em honra de Byron.

A estrofe que se segue é bastante estranha:

10 За небосклон скатилошар/ Златое, дневное светило / И твердьи море
воспалило; /По роцам разлился пожар; /Зажженное зыбей зеркало,/ Алмаз
огромный, трепетало.

Resplandecia um minarete longínquo;
O imame, sobre a cinza sublime,
Três vezes proclamou ao universo:
“Somente Deus é Deus – não há outro...”
Ouviram; num piscar de olhos
Todos os filhos do profeta prosternaram-se.¹¹

A cena que a voz poética descreve ocorre dentro de um templo muçulmano: observamos uma mesquita onde, movidos pela fé na palavra de um profeta, todos os fiéis respeitosamente se curvam e beijam o chão. É possível que Küchelbecker previsse a obscuridade de seus versos mesmo para um leitor do tempo, porque adiciona uma nota à publicação em que explica que, no texto sagrado árabe, a frase “Não há nenhum Deus além de Alá, e Maomé é o seu profeta” é o “chama do comum para a oração da noite dos muçulmanos”. Ao aludir ao momento solene em que o minarete de um templo muçulmano brilha enquanto os fiéis se curvam para adorar Alá e em respeito às palavras do profeta, Küchelbecker faz um duplo movimento.

Por um lado, ele está claramente dialogando com uma geografia simbólica comum tanto a Byron quanto a Púchkin: o Oriente. A ode a Byron também presta, conforme veremos, homenagem a Púchkin, que, no ano em que Byron morre em Mesolónghi, encontrava-se exilado no sul do Império Russo, na Crimeia. Essa geografia simbólica em comum é o Oriente e suas representações, que fazia parte do discurso poético de Byron e das produções de Púchkin dos anos 20, intensamente inspiradas nos *Oriental Tales*, como *O prisioneiro do Cáucaso* (1822). O outro movimento é o de conferir ao poema tintas religiosas e devocionais, que, no entanto, ganham uma conotação bastante secular se pensarmos que o herói do poema – e o “profeta da liberdade” – não é o aludido Maomé, mas, precisamente, Byron.

O cantor, o russo dileto,
Exilado no país de Nasão,
Por um arrebatamento mudo envolvido,
Com os olhos inundados de sonhos,
Senta-se sozinho nas escarpas;
Aos seus pés assobia o Euxino [...]¹²

A alusão ao “país de Nasão” é uma comparação entre o exílio de Púchkin e o de Ovídio, centenas de anos antes, em Tômis, por decreto do imperador Augusto. Aqui fica evidente como o embate entre o poeta e o soberano, entre a autoridade do

11 Вспылал далекий минарет;/ Иман, над прахом возвышенный, /Триkrát провозгласил вселенной: «Вог только бог –иного нет. . .»/ Услышали; в мгновенье ока/ Все пали ниц сыны пророка.

12 Певец, любимецроссиян,/ В странеНазонава изгнания,/ Немымвосторгом обуян,/ С очами, полными мечтанья,/ Сидит на крутизнеодин;/ У ног его шумит Евксин – [...].

artista criador e a autoridade política é um dos pontos de tensão estruturantes do poema.

Temos, nesse ponto, uma complexa rede de alternância de olhares: o eu poético construído por Küchelbecker, também um poeta – nós o chamaremos, portanto, de “poeta Küchelbecker” – observa o poeta Púchkin que, por sua vez, vê a morte de Byron. Em suma: Küchelbecker vê Púchkin, que vê Byron. Numa fraternidade de olhares de gênios acometidos pela tragédia do destino, o poeta Küchelbecker descreve como Púchkin vê e percebe a morte de Byron. A morte do poeta britânico é anunciada por uma série de fenômenos soturnos e aterradores na natureza, que se parecem com presságios de um acontecimento terrível, lutuoso, cruento e infernal:

A cidade distante nas fronteiras do céu
Enegrece numa brancura opaca:
Não se ouve um zumbido fúnebre,
Inesperado nesse silêncio total?
A Terra estremeceu; no fulgor dos raios,
Tremendo, os campanários bambeavam!

Estourava o trovão; ardiam os céus;
Uma matilha de cães uivava no povoado;
Tendo alargado as asas cintilantes,
Uma trovoada selvagem rugiu:
O lobo faminto deixou a toca,
Juntou-se aos chacais do cemitério!¹³

O “eu” de Küchelbecker finalmente se revela de maneira mais explícita no discurso poético. Agora, ele descreve a reação do seu próprio *self* de poeta – e não a de Púchkin – diante da morte de Byron:

Então (mas o medo me envolveu!
Empalideço, tremo, soluço;
Entorpecido pela dor, gemendo,
Assustado, largo a lira) –
Eu vejo – o doce cantor
Tombou nas cinzas a sua coroa.¹⁴

Em seguida, Küchelbecker volta novamente o seu olhar para Púchkin, que, por sua vez, observa Byron. Byron é representado

13 На крае неба город дальный/ Чернеет в тусклой белизне:/ Не звон ли звукнул погребальный,/ Нежданный в общей тишине?/ Земля содроглась; в блесках молний,/ Дрожа, шатнулись колокольни! Гром грянул; пынут небеса;/ В селеньи стая псов завыла;/ Расширив блещущие крыла,/ Взревела дикая гроза:/ Волк гладный бросил логовище,/ Сошлись чакалы на кладбище!

14 Тогда (но страх объял меня!/ Бледнею, трепещу, рыдаю;/ Подавлен скорбию, стена,/ Испуган, лиру покидаю!) –/ Явижу – сладостный певец/ Во прах повергнул свой венец.

como um fantasma celeste que ressurge do mundo dos mortos, dotado de grandeza titânica:

Ele observa: de países distantes
Onde o templo de Febo se erguia,
Todo em chamas, em meio aos vórtices coléricos
Sobre as nuvens sombrias e graves
Marcha um espectro de gigante; –
Sob ele reluz a planície das águas!¹⁵

Dos céus onde agora habita, Byron, cuja capacidade órfica de encantamento pela palavra poética o leva a ser representado como um “feiticeiro”, faz com que ressurjam das cinzas, em imagens que se sucedem, todos os heróis que protagonizaram seus poemas. Ele (Púchkin) o escuta, e Küchelbecker observa Púchkin a escutar Byron:

Ele escuta: das alturas celestes
Ouve-se o verbo do feiticeiro!
Soprando sobre o mundo um apelo feérico,
As criações de sonhos ardentes revestem o corpo e o rosto;
Desperta os mortos do Styx!

Devolve à terra os seus ossos;
Ao chamado daquele que os glorificou,
A sua multidão sepulcral deixa as cinzas,
Levanta-se, voa numa dança de roda;
Funde a sua veste com as trevas;
Ó, cinzas! Eu escuto o uivo deles!¹⁶

Esse deslize rápido e sutil daquilo que *e/le* (Púchkin) escuta para aquilo que o eu (Küchelbecker) escuta cria um vínculo especial entre os três personagens poetas que aparecem no poema. Isso porque o fato de que as canções celestes de Byron e os fantasmas dos heróis byronianos serem sons e visões que não são facultadas a qualquer um, mas apenas a Púchkin e a Küchelbecker, confere a esses poetas o estatuto de “eleitos”. Com sua percepção refinada, Púchkin e Küchelbecker podem ter a visão de Byron nas alturas, visão essa que só poderia ser concedida a quem, numa linha sucessória, fosse também profeta. É como se o próprio Byron, das alturas em que figura como um deus, conferisse a

15 Он зрит: от дальних стран полдневных,/Где возвышался фебов храм,/Весь в
пламени, средь вихрей гневных,/По мрачным, тяжким облакам/Шагаетпризрак
исполина;/Под ним сверкаетвод равнина!

16 Он слышит: с горней высоты/Глагол раздался чародея!/Волшебный зов, над
миром вея,/Созданья пламенной мечты/В лицо и тело облекает;/От Стиксамертвых
вызывает!/Земля их кости выдает;/На зов того, кто их прославил,/Их сонм
могильный прах оставил,/Взвился, слетелся в хоровод;/Со тьмой слились их
одеянья;/О страх! их слышу завыванья!

Púchkin e a Küchelbecker a sua validação como profetas.

Essa questão da validação profética numa linha sucessória torna um pouco ambíguos os versos abaixo:

Eu tenho uma visão reluzente:

O gigante que paira sobre a montanha
Espalhou a névoa diante de si!
Como é ousada a sua marcha!
Ele é austero, majestoso e selvagem!
Como uma lua cheia, um semblante pálido.

Ou será que uma única entre as estrelas,
Separando-se, voa, verte brilho
Através do campo de lugares imensuráveis,
Através do silêncio dos céus sombrios [...]

Despencou o divino cometa!
Apagou-se entre nuvens e trovões!
Ainda estremece a voz das cordas:
Mas não há mais o poeta poderoso!
Ele tombou [...] ¹⁷

Em primeiro lugar, devemos observar que essa visão de Byron não é facultada nem mesmo a Púchkin, apenas a Küchelbecker. Byron é descrito em sua herança imortal, como uma única estrela que verte insistente brilho quando tudo ao redor está imerso em treva abismal, o acontecimento de sua morte é tratado com tal sublimidade que o poeta é descrito como um “cometa que despencou”. E, no entanto, apesar disso tudo, o “tombo” de Byron não deixa de ter um outro sentido. É exatamente a morte de Byron, o fato de que “não há mais o poeta poderoso”, que viabiliza a eleição de um outro poeta-profeta para substituí-lo. Sem ousar expor a questão claramente, quando alude à morte de Byron, subjaz ao discurso de Küchelbecker a defesa de seu próprio direito à instância profética e da legitimidade e soberania da sua condição de poeta.

Mas esse novo poeta-profeta eleito, contudo, tem ainda um enorme compromisso cívico e político, e sua glória é tanto maior quanto mais ele aceite a missão de se tornar um paladino da liberdade e da justiça social. Nesse sentido,

17 Я зрю блестящее виденье:/Горе парящий великан/Раздвигнул пред собой туман!/Сколь дерзостно его теченье!/Он строг, величествен и дик!/Как полный месяц, бледный лик./Шумя широкими крылами,/Летит – и скрылся дивный дух. [...] Или единаяот звезд,/Отторгшись, мчится, льет сиянье/Чрез поле неидмерных мест,/ Чрез сумрачных небес молчанье – [...] Упала дивная комета!/Потухнул среди туч перун!/Еще трепещет голос струн:/Но нет могущего поэта!/Он пал [...]

quando Küchelbecker nos diz que Byron “honrará a posteridade” com as suas “canções e feitos”, sabemos que, em verdade, para ele os feitos heroico-revolucionários de Byron despertavam mais atenção que os literários. Mesmo que todos os heróis byronianos tenham sido previamente evocados pelo poeta, demonstrando a enorme familiaridade de Küchelbecker com a obra de Byron, o maior legado do poeta britânico é aquele que “o povo da Grécia herda”. É na “Hélade” que o nome de Byron se eterniza e é renovado, lá onde o poeta ousou confrontar a “coroa sangrenta” com “a intrépida mão”:

O bardo, o pintor de almas ousadas,
A trovejante, jubilosa, perene
Eterna aposta – o grande homem,
Lá sobre a Hélade é renovado!
Tirteu, o aliado e o manto
Dos regimentos que vivem pela liberdade!

Tu ponderaste no sofrimento e no horror,
Tu mergulhaste na profundidade dos corações
E entre as inquietações e tormentos
Com a intrépida mão deteve a coroa,
Invejável, radiante, mas sangrenta,
A coroa de padecimentos e glórias!¹⁸

Byron aqui é o condutor dos “regimentos que vivem pela liberdade”. Não por acaso ele é comparado ao poeta Tirteu (século VII a.C.), cuja lírica é marcada pelos cânticos de guerra que incentivavam a coragem dos guerreiros espartanos, no contexto da Segunda Guerra entre a Esparta e a Messênia. É como um guerreiro revolucionário que Byron é descrito em sua morte heroica e gloriosa, e Küchelbecker dá mais tintas dramáticas, transformando o poeta britânico num desterrado de sua pátria, quando sabemos ter Byron se retirado da Inglaterra por livre e espontânea vontade:

Desterrado de sua pátria,
Soluça, infeliz Albion!
Ele tombou – irreconciliavelmente – em terras
estrangeiras!
Chora, lamenta-te pelo grande filho!¹⁹

18 Бард, живописец смелых душ,/Гремящий,радостный, нетленный/Вовек пари – великий муж,/Там над Элладой обновленной!/Тиртей, союзник и покров/Свободой дышвших полков!

Ты взвесилужас и страданья,/Ты погружался в глубь сердец/Исреди волнений и терзанья/Рукой отважной взял венец,/Завидный, светлый, но кровавый,/Венец страдальчества и славы!

19 Изгнавшая его отчизна,/Рыдай, несчастный Альбион!/Он пал – непримирен, в чужбине!/Плачь, сетуй по великом сыне!

Mas não podemos deixar de ter em vista a imagem de Púchkin, “mascarado como Byron”. Küchelbecker não poderia dizer explicitamente em seu poema que Petersburgo deveria se lamentar pelo exílio de Púchkin no sul do Império Russo. Se representasse nesses termos a disputa do poeta russo com a autoridade política, ele seria o próximo exilado – o que, aliás, como sabemos, não tardou a acontecer. Mas ele podia incitar a Inglaterra a lastimar pela morte do poeta-profeta Byron em terras estrangeiras, transformando o poeta britânico num exilado e perseguido político, a fim de denunciar a sua indignação com o destino de Púchkin. A “infeliz Albion” que ultraja Byron no poema poderia ser facilmente substituída pela Rússia do tsar que – efetivamente – ultraja Púchkin, ao condená-lo a viver na periferia do Império Russo. Trata-se de uma espécie de “praga” lançada pelo profeta Küchelbecker: se a Rússia não mudar a direção que tem seguido, o Império e a nação estão condenados a cair. Mas Küchelbecker não narra apenas a ruína de um império castigado pela Justiça Divina, ele também narra a *sobrevivência do mito de Byron*.

Na profecia descrita, um tirano estrangeiro se apossa das terras inglesas e subjuga o povo britânico, mas ele reconhece sobre os destroços do que um dia foi o Império Britânico um único monumento incólume: a obra de Byron. O tirano se espanta do fato de que um poeta tão genial tenha nascido numa terra decadente e abandonada:

Infelizmente! é chegada a hora do destino!
Devorado pelo fluxo dos séculos
Desaparecerá o teu povo soberbo,
Ou beijará pés estrangeiros,
Algemado pela servidão:
Mas Byron não será esquecido
Pelo teu tirano opressivo;
Ele apontará o dedo para ti;
Aos amigos, com a cabeça pendida, dirá:
“Mas será possível que um tal gigante
Pôde nesta terra abandonada ter nascido?”
E silenciará, absorto em reflexão!²⁰

Outra vez, em linguagem cifrada, parece que se trata muito mais do Império Russo do que da Inglaterra. Ainda mais porque o povo soberbo “algemado pela servidão” que se curva a um “tirano estrangeiro” é uma imagem que carrega ressaibos do nacionalismo Dezembrista de Küchelbecker. Crítico feroz da dominação estrangeira sobre o Império Russo, o poeta

20 Увы! ударит час судьбы!/Веков потоком поглощенный/Исчезнет твой народ надменный,/Или пришельцовы стопы/Лобзать, окован рабством, будет:/Но Байрона не позабудет Тебя гнетущий властелин;/Он на тебя перстомукажет; Друзьям, главой поникнув, скажет:/«Ужель родиться исполин/Мог в сей земле, судьбой забвенной?»/И смолкнет, в думу погруженный!

repudiava que, no campo da cultura, os letrados russos demonstrassem subserviência às novidades literárias da França, da Inglaterra e da Alemanha, em detrimento de ocuparem-se dos temas nacionais e motivos folclóricos.

Qual a conclusão da profecia de Küchelbecker? Que os tiranos se revezam e se sucedem, e só o gênio poético tem uma autoridade perene e inabalável. A glória da autoridade política é perecível, os impérios estão sujeitos à decadência. Mas o monumento do poeta permanece altivo e soberano. Podemos dizer que, em “A morte de Byron”, Küchelbecker faz uso do mito de Byron como “profeta da liberdade” para defendera soberania do poeta a sua legitimidade existencial num contexto político hostil à liberdade expressiva e criativa do gênio romântico.

Referências bibliográficas

DIAKONOVA; VACURO. “Byron and Russia”. In: *Byron’s Political and Cultura Influence in Nineteenth-Century Europe*. Ed. Paul Graham Trueblood, p. 143-159.

EGEBERG, E.E. *Prorók u Púchkina i Liérmontova*. Univiersitiet Trêmsie, Norviéguia. 2001. Disponível em: <https://cyberleninka.ru/article/n/prorok-u-pushkina-i-lermontova>. Acesso dia 2 de março de 2023.

GUÍNZBURG, Lídia. “O problíemie naródnosti i lítchnosti v poézzi Dekabristov”. In: *O rússkom realízme XIX viéka i vopróskh naródnosti literatúry*. Gos. izd-vo khudoj. lit.-ry [Leningrádskoe otd-nie], 1960.

KÜCHELBECKER, Wilhelm. *Lirika i poemy. Tom piérvyi*. Apresentação e notas de Iúri Tyniánov. Leningrad: Soviétskii Pisátel’, 1939.

KÜCHELBECKER, Wilhelm. *O napravliénii náchiei poézii, osóbiénno lirítcheskoi, v posliédnieie diesíatiliétie*. Disponível em: http://az.lib.ru/k/kjuhelxbeker_w_k/text_0180.shtml. Acesso em 21 de fevereiro de 2024.

RAM, Harsha. *The Imperial Sublime. A Russian Poetics of Empire*. University of Wisconsin Press: 2006.

RYLÉEV, Kondráty. *Voinaróvskii*. Disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/%D0%92%D0%BE%D0%B9%D0%BD%D0%B0%D1%80%D0%BE%D0%B2%D1%81%D0%BA%D0%B8%D0%B9_\(%D0%A0%D1%8B%D0%BB%D0%B5%D0%B5%D0%B2\)](https://ru.wikisource.org/wiki/%D0%92%D0%BE%D0%B9%D0%BD%D0%B0%D1%80%D0%BE%D0%B2%D1%81%D0%BA%D0%B8%D0%B9_(%D0%A0%D1%8B%D0%BB%D0%B5%D0%B5%D0%B2)). Acesso em 21 de fevereiro de 2024.